



ARTES MARCIAIS, AMOR E MORTE

Um tema relativamente comum, dentro do contexto do que são as Artes Marciais, é a morte.

Entre os samurais a morte era um elemento omnipresente. Convêm entender se seria um elemento patológico, um processo de masoquismo, desprezo pela vida, niilista, ou tinham um entendimento diferente do que era a morte? É preciso entender que a morte só existe porque há amor. Para existir vida é necessário o amor, independentemente da forma que ele se reveste. O amor gera a vida e ela, a vida física, inevitavelmente conclui-se na morte.

As ideias de que “morro por amor” ou “morro de amor” assentam em duas visões diferentes de amor. Enquanto um “morro de amor” tem uma dimensão material, é um processo de desejo, onde o aspecto físico é o motivador, e enquanto desejo ele une a carne mas afasta a alma, pois quando a paixão, sentimento intenso, manifestação típica de Ego extremado nas emoções e portanto desequilibrado, avassala o apaixonado ele torna o objecto desejado numa imagem idealizada, fantasiosa, que acaba, passada a paixão, por se tornar real e diferente. Por ser um pico energético ele rapidamente tem de terminar e quando isso não acontece normalmente desenvolve patologias, obsessões e outras perturbações. É um movimento para o interior.

Por outro lado, quando falamos de amor na vertente “morro por amor”, ele une a carne e a alma pois tem motivações afectivas espirituais, há um desinteresse de si, um desapego de Ego, é constante pois é essencialmente sereno, convicto. Sendo intenso ele busca na razão do “objecto” a motivação e assim transcende-se dando-se em vez de querer. É um movimento para o exterior.

Penso que o ideário dos guerreiros samurais não era o desejo de morte mas de morrer se necessário e quando as razões o requeriam, por valores, por ética, por razões estéticas ou por dever. O samurai vivia cada momento da sua vida intensamente e amavam a vida com clareza, e isso é comprovado pelos escritos modernos dos pilotos kamikaze da II Grande Guerra que contrariamente ao entendimento, e à propaganda, eram “voluntariados” e “morriam antes de morrerem” quando deixavam as suas cartas às famílias onde, em desespero, lamentavam-se de morrerem jovens e sem convicção, pois amavam antes de mais a vida. No entanto aceitavam o “voluntariado” pois era o seu dever como militares, como cidadãos e como seres humanos de carne e osso. Morriam por amor à vida.

Não devemos entender por “morro por” como um processo de submissão. Hoje confundimos as coisas muito facilmente. A ausência de ideais, de capacidade de sacrifício, ou auto-sacrifício, de uma sociedade egoísta, que defende o egoísmo como postura “libertadora”, e de afirmação obsessiva da personalidade tem dificuldade em entender a capacidade de “martírio”, de desejo de servir e de amar para além do seu desejo pessoal e de auto engrandecimento. Qual a mãe ou pai que não seja capaz de morrer por um filho? Porque não morrer por amor do ser amado ou por um ideal? Como cristão não posso de deixar de salientar: Não morreu Cristo na cruz, humilhado e num sofrimento atroz por amor à humanidade, mesmo aquela que o crucificou? Dá que pensar ...

Lisboa, 8 de Julho de 2014